

A esperança é ousada!

O Movimento Europeu dos Trabalhadores Cristãos (ECWM/ECW/MTC) organizou um seminário intitulado "Repercussões da Pandemia do Coronavírus no Emprego e nos Assuntos Sociais – Lições aprendidas / medidas para a reconstrução". Decorreu em Alfragide, região de Lisboa, Portugal, de 21 a 24 de setembro. Participaram no Seminário 35 representantes e convidados de filiados no MTCE, de 8 países europeus, entre os quais a LOC/MTC de Portugal e todos contribuíram com as suas experiências e perspetivas.

A pandemia do Coronavírus não é apenas um problema de saúde, é também um problema social que agrava problemas pré-existentes:

- Estes incluem pobreza, desemprego, condições de vida desiguais, desigualdades entre mulheres e homens, entre ricos e pobres. As disparidades têm aumentado. Vemos as injustiças existentes agravarem-se.

- Na pandemia, a situação dos prestadores de cuidados remunerados ou não, tornou-se o foco da nossa atenção. Os prestadores de cuidados já estavam antes sobrecarregados de trabalho. A pandemia acelerou a espiral descendente.

- Os governos têm prestado apoio financeiro a empresas e trabalhadores, no entanto, em muitos lugares este apoio não foi suficientemente direcionado. Isso aumenta as diferenças sociais.

- Durante a pandemia, o trabalho com recurso a plataformas ou o teletrabalho aumentou significativamente. Contudo, os países não têm ainda o quadro legal para assegurar os direitos destes trabalhadores nestas formas de trabalho. Continua em aberto a questão de como o trabalho com plataformas pode ser utilizado em benefício dos trabalhadores. Estas sombras incluem o isolamento dos trabalhadores e a exclusão daqueles que não têm acesso suficiente às ferramentas de trabalho digitais.

No decurso do debate sobre o teletrabalho, muitas pessoas perdem de vista o facto de que uma grande parte das atividades só poderem ser feita presencialmente. Estes trabalhadores foram particularmente expostos ao vírus durante a pandemia e continuam a ser o foco da nossa atenção.

Durante a pandemia, atividades que frequentemente eram "invisíveis" tornaram-se socialmente importantes, tais como cuidados, limpeza, transporte, logística, jardins de infância e escolas, etc., facilmente se destacaram.

Constatamos também que os grupos já de si vulneráveis foram particularmente afetados pela pandemia, que inclui por exemplo, pessoas pobres, migrantes, ciganos, pessoas com deficiência, jovens, etc.

A pandemia resultou em stress psicológico para muitas pessoas até aos dias de hoje. A tendência para o individualismo tem aumentado.

Vemos, no entanto, exemplos positivos que nos dão esperança: A vontade de agir solidariamente tem crescido em muitos lugares. Nas zonas residenciais, as pessoas tomaram a iniciativa de se apoiarem umas às outras.

Durante a pandemia, as empresas da economia social fizeram um uso particular dos seus pontos fortes. Ao colocarem a solidariedade no centro, mostraram-se particularmente resilientes. A economia social está ativa em todos os sectores: São empresas locais que reduzem as desigualdades e contribuem para o emprego sustentável.

Julgar/avaliar

"Levanta-te e anda" (Mc 2:0).

Face a esta realidade, formulamos as nossas convicções e orientações de modo a trazê-las claramente para o debate público. Ao fazê-lo, ouvimos de uma forma especial as experiências e necessidades das pessoas com as quais agimos solidariamente.

Defendemos em especial:

- Um futuro do trabalho, no qual sejam melhoradas significativamente as condições de trabalho. É bom que as atividades socialmente relevantes se tenham tornado visíveis, agora é uma questão de melhorar de forma sustentável as condições de trabalho.

- Por um mundo em que as pessoas estejam no centro. Deveram estar no centro das nossas próprias ações, bem como no centro da economia. Precisamos de uma economia que sirva as pessoas.

- Todo o ser humano é capaz de fazer algo de valor social. Todas as pessoas devem também encontrar as condições em que podem operar em conformidade.

Os mais debilitados e mais vulneráveis devem ser o foco da ação social de forma especial. O apoio do Estado social e as infraestruturas sociais devem assegurar que todas as pessoas possam viver com dignidade.

Formulamos as nossas convicções como uma expressão da nossa fé. Em Jesus Cristo somos considerados todos como filhos de Deus e por isso consideramos todas as pessoas como irmãs e irmãos.

Defendemos a solidariedade. Para todo o ser humano, independentemente da sociedade em que vive. Defendemos a necessidade de lhe ser assegurado que ninguém seja deixado de fora da solidariedade do Estado Providência. E vemos a necessidade de reforçar ainda mais as formas de solidariedade nas iniciativas de economia social.

Agir

A pandemia mostrou-nos com toda a clareza que são necessárias mudanças sociais. Exigiremos estas mudanças e contribuiremos nós próprios para a solidariedade e a justiça. Como cristãos e como movimentos de trabalhadores cristãos, queremos contribuir para um mundo diferente e melhor. Estamos empenhados em tornar estas exigências uma realidade:

- A nossa solidariedade concretiza-se no nosso compromisso para com os trabalhadores, especialmente aqueles que são particularmente vulneráveis. Apoiamos projetos concretos de solidariedade e propomo-nos continuar a reforçá-los.

- Facilitamos e organizamos a educação (formação e educação popular) e o empoderamento, a nível pessoal e coletivo, para a emancipação e autonomia.

- Promovemos o diálogo entre a igreja e a classe trabalhadora. Chamamos a atenção da igreja para as condições de trabalho e exigimos um posicionamento em termos de dignidade humana.

- Moldamos ativamente a mudança política e participamos do debate político. Para o efeito, entramos em diálogo com outras organizações e com elas trabalhamos para a mudança.

- Assumimos o desafio que a crise climática representa para nós. Isto inclui refletir sobre ela na sua ligação com as questões sociais e trazer uma posição informada aos debates sociais com base nas nossas convicções.

- Exigimos uma lei e as diligências devidas (lei da cadeia de abastecimento) ao nível da UE que melhore efetivamente as condições de trabalho e a responsabilidade ambiental nas cadeias de abastecimento.

Localmente, onde trabalhamos, estamos atentos às injustiças estruturais globais. Acreditamos que todos podem contribuir para a mudança social de que necessitamos. Mesmo quando as coisas são difíceis - não perdemos a esperança. A esperança é ousada.

MTCE, Lisboa, 25 Setembro 2022